

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE: CONFLITOS E DIÁLOGOS POSSÍVEIS

MEANS OF COMMUNICATION AND SCHOOL IN CONTEMPORANEITY: CONFLICTS AND POSSIBLE DIALOGUES



Vol. II Número 23 Jul./Dez. 2016

Ahead of Print

Lucena Evangelista Jucieude¹

Maria Soberana Paiva²

Karlla Christine Araújo Souza³

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca⁴

RESUMO: O presente trabalho constitui um estudo ensaístico acerca da relação estabelecida entre os meios de comunicação e a escola. Partindo da discussão mais ampla que envolve a relação entre o sujeito e a cultura, buscamos refletir sobre as disjunções e as possibilidades de diálogo entre os sistemas culturais representados pela escola e pelos meios de comunicação. Tomamos como norteador teórico-metodológico a noção de sujeito desenvolvida por Edgar Morin e sua analogia referente ao sistema imunológico, em que apresenta a distinção entre o si e o não-si, entre o sujeito e o outro, a partir dos seres celulares. Abordamos assim o que consideramos ser uma imunologia realizada pela escola em relação às formas de saber e de pensar não-racionalistas, representadas pela cultura dos meios de comunicação de massa. Recorremos ainda a uma leitura do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, o qual apresenta uma metáfora do conflito entre o sujeito e a cultura no ambiente educacional. A partir da leitura do filme buscamos colocar em questão o modo como a racionalidade e a afetividade podem estabelecer, ao mesmo tempo, relações de conflito ou de diálogo entre si. Acreditamos assim que os meios de comunicação podem atuar juntamente com a escola como agentes de formação e socialização do sujeito contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito e Cultura; Educação; Meios de Comunicação.

ABSTRACT: The present paper constitutes an essayistic study about the relation established between the means of communication and school. Starting from the wider debate that

¹Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: jucieudelucena@hotmail.com.

²Mestra em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: soberanapaiva@gmail.com.

³Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: karlla_chris@yahoo.com.br.

⁴Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: ailtonsiqueira@uol.com.br.

involves the relation between subject and culture, trying to consider the disjunctions and the possibilities of dialogue among the cultural systems represented by school and by the means of communication. It will be taken as theoretic-methodologic guidance the notion of subject developed by Edgar Morin and his analogy referring to the immunologic system, which presents the distinction between the self and the non-self, between the subject and the other, based on cellular beings. This way we bring up what is considered an immunology made through school relating to the forms of knowledge and non-rationalist thinking, represented by the mass means of communication culture. We still call on an interpretation of the film *Dead Poets Society*, which presents a metaphor of the conflict between society and culture in the school environment. Starting from the interpretation of the film we try to put into question the way how rationality and affectivity can establish, at the same time, relations of conflict or dialogue with each other. We believe this way the means of communication can operate together with school as agents of formation and socialization of the contemporary subject.

KEYWORDS: Subject and culture; Education; Means of communication.

Considerações iniciais

Os meios de comunicação e a escola são apresentados no presente ensaio como representações de formas de pensamento que se desenvolvem, respectivamente, em torno da dimensão dos afetos e da dimensão da razão. Desse modo, enxergamos na dialética entre as duas formas de pensamento representadas pela racionalidade e pela afetividade uma possibilidade de interpretação da situação do sujeito diante da relação estabelecida entre a escola e os meios de comunicação. A instituição escolar e os meios de comunicação aparecem como sistemas culturais relacionados e diferenciados entre si, e que atuam na formação do sujeito. No primeiro caso, predominantemente sob a lógica da razão, e no segundo caso, predominantemente sob lógica da afetividade. Neste sentido, nosso propósito neste ensaio é abordar o complexo de interações que se processa no ambiente educacional, envolvendo os meios de comunicação, a escola, e o sujeito, para discutir a relação entre sujeito e cultura.

Nosso argumento está dividido em dois momentos, primeiramente abordamos o processo de formação escolar do sujeito contemporâneo, considerando o modo como o pensamento racional progressivamente se sobrepõe aos afetos. No segundo momento, abordamos o que consideramos uma imunologia da escola em relação à lógica do não-racional e a salvaguarda que ela realiza em relação aos meios de comunicação. Considerando este segundo momento em especial, optamos por apresentar uma leitura do filme *Sociedade dos poetas mortos* para pontuar algumas reflexões ao longo do texto. Nossa intenção é apresentar o filme como metáfora do conflito entre o sujeito e a cultura a partir da educação escolar e da própria imunologia da escola em relação a formas de pensar que se distanciam da lógica racionalista. Além disso, o filme em si é uma obra midiática que representa a própria cultura dos meios de comunicação, o que nos possibilita, ao mesmo tempo, colocar em questão e refletir sobre o modo como essa cultura midiática pode afetar o sujeito em relação à lógica do pensamento racional.

A trama de *Sociedade dos Poetas Mortos* se desenvolve numa escola preparatória para rapazes, chama Escola *Welt*. O conflito central envolve a relação entre os valores cultuados pela escola e a subjetividade dos personagens. O pivô desse conflito é o professor John Keating, personagem interpretado pelo ator Robin Williams, formado com excelência pela mesma escola *Welt*, ele assume a cadeira de professor de Literatura e apresenta a seus alunos ideias e comportamentos que se chocam diretamente com os valores cultuados pela instituição.

É importante destacar que nossos questionamentos sobre a relação entre escola e os meios de comunicação são motivados pelo que consideramos uma incongruência nessa relação, sobretudo, no que se refere à postura adotada pela escola. A contradição reside no fato de que, a escola, ou considera os meios de comunicação predominantemente pelo seu aspecto técnico ou os considera como cultura. Sob o aspecto técnico, a escola se apropria desses meios como instrumentos pedagógicos, ou seja, como meios que cumprem a função técnica de apoiar a transmissão de determinados conteúdos educacionais. O próprio termo, “instrumento”, revela esta abordagem técnica. Sob o aspecto cultural, a escola, em geral, rejeita a cultura dos meios de comunicação, porque ela está associada predominantemente a uma cultura de entretenimento, sendo por isso, considerada de baixo valor intelectual.

Os meios de comunicação representam assim uma forma de pensamento que não se enquadra na lógica do racionalismo predominante na escola, mas fundamentam-se nas emoções e no imaginário. Com base nisso, percebemos que, por um lado, a relação entre a escola e o sujeito acontece predominantemente segundo a razão, por outro lado, que a relação entre o sujeito e os meios de comunicação ocorre principalmente segundo a ordem do imaginário.

Afetividade e racionalidade na vida escolar

O sujeito contemporâneo desde seus primeiros anos de vida mantém contato direto com uma variedade de meios de comunicação como a televisão, o rádio, o cinema e a internet. Desse modo, ao ingressar no ambiente escolar, esse sujeito já se encontra iniciado na cultura midiática, tendo com essa uma relação de familiaridade. Este fato representa para a cultura escolar um verdadeiro conflito, uma vez que a escola nega a cultura veiculada pelos meios de comunicação de massa, apreendendo-a como algo prejudicial à educação formal. A escola tende assim a evitar os conteúdos midiáticos em seu ambiente educacional. Entretanto, devemos destacar que não apreendemos a mídia como inapropriada para a educação, mas que seus conteúdos veiculados cotidianamente são vistos como pouco apropriados, ou são plenamente rejeitados pela escola.

A cultura escolar apreende os conteúdos difundidos pelos meios de comunicação como destinados em sua maioria ao entretenimento e, que não constituem elementos de cunho educativo ou reflexivo, devendo por isso ser mantidos fora do ambiente educacional. Neste ponto, os meios de comunicação emergem como cultura. Segundo Morin (2011) a Cultura de Massa difundida pela mídia pode ser entendida como uma terceira cultura, que acrescenta, integra e se integra as culturas como a cultura nacional, humanista e religiosa.

Porém, ao serem utilizados pela escola, os conteúdos da cultura de massa são tomados apenas como técnica, como instrumento de transmissão de conteúdos pedagógicos. Por instrumento pedagógico, entendemos aqueles recursos utilizados na educação, destinados à transmissão de uma determinada informação ou conjunto de informações, com a finalidade de formar um conhecimento. Nesse caso, percebemos que se desenvolve uma relação do tipo meio-fim. O instrumento pedagógico é de fato um meio para se alcançar um fim, cujo seu uso se justifica pela assimilação de determinado conhecimento por parte de alguém. Assim, tanto o próprio meio como sua linguagem (textual, sonora, audiovisual, etc.) cumpre a função de técnica para a transmissão de informações. A relação se estrutura com base em uma lógica eminentemente instrumental de uso do meio e da linguagem.

A cultura escolar construiu ao longo do tempo verdadeiras barreiras, que impedem uma relação dialógica mais permeável com os meios de comunicação em relação à formação do pensamento. Conforme Orozco Gomez (2008) essa perspectiva negativa da escola frente a cultura dos meios de comunicação, se deve a antigos estereótipos atribuídos aos conteúdos midiáticos. Para o autor, o primeiro estereótipo refere-se à banalidade dos

conteúdos transmitidos pela mídia. O segundo estereótipo toma a escola como única instituição legitimada socialmente para a função de educar, excluindo assim outras instituições da educação formal do sujeito. O terceiro estereótipo trata os meios de comunicação como espaço do “não-sério”, como conteúdos que vão de encontro aos conteúdos escolares. Por fim, a escola trata a cultura de massa como monolítica e persuasiva, além de considerar os receptores passivos e influenciáveis.

Entendemos que seria importante para a escola construir um juízo menos maniqueísta em relação aos meios de comunicação, em especial no que se refere a sua dimensão cultural, uma vez que a audiência não se define no consumo ou na recepção, ela se constrói através da relação do indivíduo com esses meios, da sua relação com outras pessoas e instituições sociais e da resposta que ele elabora para esses meios.

Consideramos que além de atuarem como agentes de informação e de entretenimento, os meios de comunicação desempenham um papel socializador e formativo importante, independentemente das instituições tradicionais, como a família, a escola e a igreja. Os meios de comunicação transmitem informações, valores sociais e padrões de comportamento que podem efetivamente contribuir para a construção do universo de saberes e visões de mundo do sujeito. Desconsiderar esse fato significa não perceber ou mesmo ignorar que esses conteúdos midiáticos podem exercer um papel formador, ou que esse processo de formação resulta numa formação menor.

Ressaltamos porém, que não pretendemos colocar em discussão ou mesmo questionar o valor da formação escolar e de outras instituições tradicionais em relação àquela que ocorre pelos meios de comunicação. Nosso foco nesse ensaio se direciona a questão em que há uma formação midiática que às vezes converge e, muitas vezes, diverge das instituições tradicionais, diante da qual, essas instituições costumam se colocar em oposição com pouco diálogo.

No mundo contemporâneo as fontes de informação, de instrução, e os meios de socialização se multiplicaram. O sujeito circula e interage em diversos espaços de socialização a partir dos quais constrói referências para perceber e agir no mundo, portanto, é inevitável que, através dos sujeitos, esses espaços sejam permeáveis e atravessados por outras formas e possibilidades de desenvolver o pensamento.

No entanto, a escola se define como a única instituição formal que possui a função de preparar o sujeito para a vida, o que na contemporaneidade significa principalmente preparar para o mundo da produção, do mercado profissional. O imaginário, o lúdico, em geral pano de fundo dos conteúdos difundidos pelos meios de comunicação, aparecem no processo educacional também como instrumentos, são meios para se alcançar um fim, desenvolver o intelecto, mas considerando predominantemente um de seus aspectos, a racionalidade. As capacidades criativa e afetiva do sujeito são trabalhadas pela escola, em função do racionalismo, mesmo quando se encontra espaço nas atividades extracurriculares para desenvolvê-las, o sujeito é regulado por processos e normas internas da instituição, que limitam essas capacidades, em virtude do alcance de metas e objetivos quantificáveis.

Esta questão pode ser facilmente percebida quando refletimos acerca do ensino de literatura. Consagra-se o essencial em relação ao ensino da língua materna, fragmentando a literatura em camadas, século após século, rompendo assim a ligação desta enquanto reflexão sobre o homem e seus sentimentos em relação ao mundo e ao próprio homem. Desse modo, estimula-se o ensino dos movimentos e gêneros literários, mas não se desenvolve a leitura ou mesmo a capacidade de escrita literária do sujeito.

Desenvolver o hábito da leitura ou o gosto pela literatura desta forma é tarefa difícil. Mas por quê? Não é necessário refletir muito sobre isso para perceber que a literatura, assim como outras linguagens artísticas, envolve o sujeito pelo que elas têm de poético, de imaginário, ou seja, constituem uma forma de pensamento que se inscreve na ordem dos

afetos e não na ordem do racional. Entretanto, o ensino de literatura na escola é eminentemente técnico, o que está em primeiro lugar é o aprendizado da técnica e a técnica como cultura. Vemos então que mesmo a linguagem escrita, privilegiada pelo pensamento racional e, consequentemente pela escola, não escapa à instrumentalização.

Recorremos assim a uma ilustração do filme Sociedade dos Poetas Mortos. Em uma das aulas de literatura, o professor *Keating*, trata do aprendizado de um método de análise poética que tenta medir a grandeza de um poema segundo uma regra matemática. Ele pede a um de seus alunos que leia a introdução de um livro, intitulada, “Compreendendo a Poesia”. O jovem então se põe a ler o texto, o qual apresenta um método de análise que consiste em identificar o objetivo de um poema e a importância deste objetivo. Os elementos que apresentam o objetivo e aqueles que apresentam sua importância são transformados em índices matemáticos transcritos em um gráfico no plano cartesiano. A ligação entre os dois índices produz uma área que é inscrita no gráfico. Segundo este método, quanto maior for essa área maior é a grandeza do poema. Seguindo a leitura de “Compreendendo a Poesia”, no filme, o texto recomenda que se pratique esse método de avaliação na leitura dos poemas do livro e afirma: “à medida que a capacidade de avaliar poemas cresce, também crescerá seu interesse e sua compreensão da poesia”. Ao final da leitura o professor Keating pede que todos os seus alunos rasguem as páginas introdutórias do livro em questão.

Esta ilustração nos mostra que não é por meio da técnica que a poesia pode ser compreendida, e também não é a técnica que captará o interesse do sujeito por um poema. A poesia é da ordem da afetividade e só por meio dela poderá envolver o sujeito. Conhecer as características de um gênero literário sem dúvida ajuda a ler e a estudar um texto desse gênero, mas ler e estudar não significa necessariamente desenvolver a autonomia do espírito, em outras palavras, não significa ensinar a pensar. Tratar o que é da ordem da afetividade, da sensibilidade apenas como coisa, é ensinar a racionalizar. Porém a racionalidade não é a única dimensão através da qual o sujeito se relaciona com o mundo e pode compreendê-lo.

Nesse sentido, o diálogo da escola com os meios de comunicação pode proporcionar uma maior abertura para lidar com os afetos e com o imaginário também como formas de construir conhecimento, de perceber e de compreender o mundo, na medida em que esses meios fornecem, através de seus conteúdos, situações e elementos que tratam diretamente dos dilemas sociais e íntimos da vida contemporânea. Desse modo, ressaltamos que não defendemos que os conteúdos escolares sejam sobrepostos pelos conteúdos midiáticos, mas que possamos pensar sobre eles, realizando a crítica necessária, e o mais importante, pensar com eles.

O sujeito e a salvaguarda da escola em relação aos meios de comunicação

Conforme Morin (2010), somos fisicamente e quimicamente filhos do cosmos, porém, nos tornamos estrangeiros e verdadeiramente estranhos em relação a ele. Neste sentido, a própria noção de sujeito implica uma separação do homem com o universo. Na ciência clássica, o desenvolvimento da ideia de sujeito já implica uma cisão entre objetividade e subjetividade, entre o que é da ordem do intelecto e o que é da ordem do sensível.

Morin (1996) apresenta esta cisão considerando o pensamento cartesiano, que coloca em oposição o conhecimento científico, ou o mundo dos objetos, e o conhecimento intuitivo, que é da ordem dos afetos, da sensibilidade e do imaginário. A polaridade postulada pela ciência clássica coloca o pensamento racional no pólo positivo, como fonte de certezas possíveis, ou pelo menos de verdades racionalmente explicáveis. No outro pólo, está a incerteza e a ausência de explicação racional, o não-lógico, o não-objetivo, associados à

ordem do sensível.

O homem conseguiu desenvolver de uma maneira extraordinária as potencialidades da vida, constituindo-se assim um ser “hipervivo”, que manifesta de modo extremo as suas qualidades egocêntricas e altruístas. Do mesmo modo, também se estabelece como um ser “hiperdinâmico”, através da capacidade de desenvolver de maneira nova a criatividade viva, deslocando-a para o espírito. Ao mesmo tempo em que compõe um indivíduo “metavivo”, na medida em que cria novas formas de vida psíquicas, espirituais e sociais para si. É também “hipermamífero”, pois desenvolveu a memória, a inteligência e a afetividade através do apego, fraternidade juvenil, aprendizagem, experiência e sagacidade da velhice dos mamíferos. Em suma, o ser humano constitui um “superprimata” que foi capaz de transformar a sua própria sexualidade, espalhando-a por todo o corpo e liberando-a da limitação reprodutiva. Além disso, o homem é capaz de superar a pobreza física em relação aos outros animais através do desenvolvimento da inteligência individual, e da organização social, que permitiu o domínio do mundo vivo e a grande “decolagem da humanidade” (MORIN, 2002, p. 29 - 31).

Diante de um sujeito tão complexo em si, e que existe em um universo social e natural igualmente complexo, como considerar apenas a racionalidade como forma de construção do intelecto e do conhecimento do homem, sobre o homem e sobre o mundo?

No que diz respeito a relação estabelecida entre escola e meios de comunicação, destacamos que a escola está fundada sobre a concepção de um pensamento racionalista. A cultura e o conhecimento produzidos e transmitidos a partir da escola tendem a um afastamento do saber intuitivo advindo do empirismo, das construções afetivas humanas e da dimensão imaginária da vida social, logo, os elementos que fazem parte dessa dimensão da vida são rejeitados ou no mínimo sub-valorizados pela cultura escolar como possibilidades de desenvolver o intelecto.

Recorreremos à analogia feita por Morin (1996) sobre o sistema imunológico, a qual ele usa para tratar da distinção entre o si e o não-si, ou seja, entre o sujeito e o outro, a partir dos seres celulares, para abordar o que consideramos uma imunologia realizada pela escola em relação às formas de saber e de pensar não-racionalistas:

O sistema imunológico que nos protege das agressões externas, é um sistema que permite reconhecer tudo o que é um *si mesmo* mediante uma carteira de identidade molecular, própria do organismo particular. O que corresponde à certa identidade é aceite, o que não corresponde é rechaçado, ao menos enquanto o sistema tenha suficiente força. Com certeza existe o risco de erros, já que desde que entramos no mundo da informação e da cognição entramos ao mesmo tempo no mundo do erro. O erro ocorre quando aparecem vírus com os mesmos signos de identidade molecular; é como se soldados inimigos se vestissem com nosso próprio uniforme para entrar na fortaleza e conquistá-la a partir do interior. Temos, pois, um sistema baseado na diferença do si e do não-si, evidentemente, na distribuição do valor de salvaguarda de si e de rechaço de não-si. Mas, ainda que exista um sistema imunológico muito diferenciado, como nos animais superiores, o ser celular discerne o si do não-si e, quando absorve alimentos do exterior, realiza um cracking, tomando o que é assimilável e que se converterá em parte de si, rechaçando o que não é assimilável e que se tornará resíduo, desperdício e, nos seres evoluídos, urina, excrementos, etc (MORIN, 1996, p. 50).

Esta distinção entre o si e o não-si corresponde a um primeiro princípio de identidade do sujeito que diz respeito à “auto-exo-referência”. Isto significa que o sujeito refere-se a si próprio distinguindo-se do mundo exterior. Observando a escola sob o prisma

dessa analogia, podemos interpretar sua posição em relação aos meios de comunicação como uma ação imunológica que visa tanto restringir o potencial das formas de pensar não-racionais no interior da cultura escolar, como salvaguardar seu papel institucional de educar e de formar por meio da transmissão da cultura às novas gerações. Realizando sua auto-referência, a escola se identifica com a função social de educar e de transmitir a cultura.

A partir desta identidade auto-construída, realizando a sua exo-referência, a escola se coloca na cultura em geral, em relação às outras instituições e em relação ao sujeito. Realizando a auto-exo-referência, a escola, centrada em seu papel institucional assimila aquilo que corrobora com sua função social, enquadrando o que o mundo exterior lhe oferece como possibilidade de conhecimento, em um currículo orientado para o desenvolvimento do intelecto unicamente, ou pelo menos predominantemente, racionalista. Neste quadro, o sujeito é inserido como objeto a ser transformado pela razão.

Para tratar deste último ponto, comentaremos um trecho do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*. A sequência inicial da narrativa apresenta a cerimônia em que a *Escola Welt* recebe seus alunos para o início do ano letivo. A cerimônia é iniciada com um cortejo que adentra um auditório, cuja arquitetura e a caracterização cenográfica remetem à atmosfera de um templo sagrado, como uma catedral. Dentro do cortejo encontram-se quatro jovens, cada um deles carrega um estandarte diferente. Em cada estandarte está inscrito um dos quatro princípios seguidos pela instituição apresentada pelo filme: tradição, honra, disciplina e mérito. À frente dos quatro jovens, encontra-se um homem idoso que carrega uma vela acesa. O cortejo se dirige para o “altar” do auditório, onde está o diretor da escola, lembrando a figura de um sacerdote. Ao final do cortejo o diretor se dirige para a plateia formada pelos estudantes e suas famílias e pronuncia sua fala: “Senhoras e senhores, rapazes! A luz do conhecimento!”

Em seguida homem idoso que carregava a vela acesa no cortejo inicial se dirige aos alunos mais novos, que estão sentados lado a lado na primeira fileira da audiência e segurando velas apagadas. Então ele acende a vela de um dos meninos, que por sua vez que acende a vela de outro menino ao seu lado e assim sucessivamente, até que todos recebam a chama da vela, que simboliza “a luz do conhecimento”.

A cerimônia simboliza um pensamento segundo o qual o conhecimento é algo que se transmite e que ilumina os espíritos no caminho da razão. Caminho que, na narrativa do filme, deve ser seguido segundo os princípios daquela escola: tradição, honra, disciplina e mérito. O respeito a estes princípios é o que habilita o indivíduo a receber o conhecimento. O sujeito não aparece como ser capaz de construir o conhecimento, mas como ser que se habilita a ele, e que se tornou seu objeto, pois também é moldado pelo conhecimento.

A ciência clássica fragmentou o sujeito em um ser da razão e um ser dos afetos, logo, um ser do conhecimento e um ser das emoções, do sonho, da fantasia, do imaginário. Observamos que esta dicotomia também envolve as instituições cujo papel social é desenvolver o intelecto e civilizar, portanto, educar e formar o espírito segundo uma determinada cultura. É essa cultura que permite ao sujeito aprender e conhecer, porém, também é ela que coloca os entraves que dificultam, mas não impedem o sujeito de aprender e de conhecer o que está fora dela, fora de seus valores e de suas verdades. Há então relações simultâneas de conformidade e de conflito entre o espírito autônomo do sujeito e a cultura. (MORIN, 2002, p. 36). Sujeito e cultura são mutuamente dependentes. A cultura é produzida por meio dos espíritos que a criam, que a reproduzem, e também que a recriam, mas os espíritos se desenvolvem em uma determinada cultura, em referência aos seus valores e as suas verdades.

A escola que conhecemos é uma instituição produto e produtora de uma cultura racionalista. As possibilidades de conhecimento para o sujeito nessa cultura estão abertas por essa forma de pensar e também são fechadas por ela. Neste sentido, entendemos que

ocorre uma ação imunológica da escola em relação aos meios de comunicação, pois, é através do filtro do racionalismo que ela se coloca em relação a esses meios, sejam eles considerados como técnica ou como cultura. É também por meio desse filtro defensivo que a escola tende a exercer sua ação subjetivante sobre o sujeito. Uma escola de base predominantemente racionalista define como conhecimento relevante, certamente, aquilo que se constrói sobre essa base, logo, o que difere de sua lógica é rechaçado, é o estranho, é o outro.

No entanto, como afirma Morin, o mundo da cognição e da informação é também o mundo do erro. A imunologia da escola não consegue dar conta de todos os elementos da cultura dos meios de comunicação que a atravessam. Por mais racionalista que seja a cultura escolar haverá sempre o sujeito e suas diferentes dimensões como possibilidade de “erro” ou de desvio. O sujeito existe como possibilidade de fazer penetrar no “organismo cultural” aquilo que lhe é estranho. No mundo da cognição e da informação não há cem por cento de certeza de que aquilo que se transmite a um sujeito será plenamente assimilado por ele sem qualquer desvio, sem qualquer filtro de subjetividade.

Na história do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, o personagem protagonista, professor *John Keating*, aparece justamente como esse elemento que representa a possibilidade do erro. Formado com excelência pela *Escola Welt*, ele retorna à instituição que o “formou” para assumir o papel de professor. Na narrativa, ele representa o elemento destoante e desestabilizador, que produz fissuras na estrutura cultural da escola, provocando tanto novos desvios, como a reação do organismo escolar contra esses desvios. De um lado temos o sujeito que se coloca diante da cultura, submetendo-se a ela, ao mesmo tempo em que busca exercer sua subjetividade. No filme, como na vida, não interessa quem vence esse conflito, embora os heróis sejam sacrificados no final da narrativa. Temos o sacrifício do professor, que é submetido a processo de demissão da escola, restabelecendo a ordem normal da instituição. E temos o auto-sacrifício, do personagem Neil Perry, vivido pelo ator Robert Sean Leonard, que, não conseguindo lidar com o peso do conflito entre as exigências da família por uma formação exemplar segundo os preceitos da *Escola Welt*, e sua paixão pela arte e o seu desejo de atuar no teatro, comete a atitude extrema do suicídio como forma de resolver esse conflito. O importante para nós é que essa narrativa cinematográfica serve como metáfora dos movimentos de choque e de acomodação que envolvem a relação entre o sujeito e a cultura em sociedade.

A sequência final demonstra isso claramente. O contexto que prepara para a essa sequência é o seguinte: O professor *Keating* foi expulso da instituição escolar, sob o pretexto de ser o responsável por ter instigado no seu aluno, *Neil Perry*, o desejo de ser ator contra a vontade de sua família, com isso provocando a instabilidade emocional que o levou ao suicídio.

Na última cena, o professor *Keating* vai até a sala de aula onde costumava trabalhar, para pegar seus pertences pessoais. Na sala, estão seus alunos assistindo aula de literatura, ministrada pelo diretor da escola. Cria-se uma situação de tensão. Quando *Keating* está prestes a sair da sala, um dos alunos levanta-se e pede desculpas por não tê-lo apoiado contra o processo de demissão, pois ele e os demais colegas, membros da *Sociedade dos Poetas Mortos*, foram pressionados pela escola e por suas famílias a condenar a conduta do professor. Em seguida, sob o protesto do diretor da escola, o aluno sobe em sua cadeira e grita: “Capitão, meu capitão!” (expressão que os alunos usavam para tratar o professor *Keating*). Ele foi seguido por outros alunos que realizaram o mesmo gesto. Esta ação simboliza o afloramento da subjetividade daqueles personagens diante das contingências da escola e de suas famílias.

O professor se foi. O corpo estranho foi expulso do organismo, mas isto não eliminou o erro. A possibilidade de erro continua, representada naqueles alunos que se

puseram de pé sob suas cadeiras, mostrando que o espírito autônomo do sujeito não cessa de desestabilizar a cultura, ao mesmo tempo em que a cultura não cessa de impor suas determinações ao sujeito.

O problema talvez esteja em considerar a penetração do estranho no organismo sempre como erro. Forte ou fraco em relação ao estranho, o organismo escolar reage a ele, realizando a salvaguarda de seu papel educacional e formador. No mundo biológico, o erro pode representar sempre uma ameaça à saúde do organismo, mas no mundo social e da cultura, aquilo que é considerado como erro não significa necessariamente o enfraquecimento do organismo, mas pode significar a necessidade de regeneração e reconfiguração. O erro pode trazer a oportunidade de enxergar melhor os problemas, desde que não seja visto apenas como elemento indesejável.

O erro como elemento negativo pode ser re-significado. Bachelard postula que a possibilidade de erro é o que revela a fonte oculta de racionalidade científica, que reside na possibilidade do novo, na efervescência do espírito pela descoberta, pela criação. Isto não ocorre na certeza, na estabilidade, mas na incerteza e na instabilidade das crises, que demandam a criação e a recriação. São os momentos de crise que fazem jorrar essas novas possibilidades (PESSANHA, 1985).

Mas, qual a crise que a escola enfrenta? A escola se coloca em oposição a um sistema cultural contemporâneo que, tal qual as instituições e as culturas religiosa, clássica e humanista, consolidou-se como instituição que desenvolve papel formador, socializador e também educacional. Essa instituição é representada pelo conjunto dos meios de comunicação de massa, e mais recentemente, também pelos meios de comunicação em rede. Os meios de comunicação não seriam ameaça à escola se ela própria não reconhecesse neles o seu papel formador e educador. É precisamente por reconhecer este aspecto dos meios de comunicação que a escola opera uma imunologia para se salvar em relação a eles. Porém, por mais que a escola tente se proteger, outras formas de cultura e de saber continuaram a penetrá-la por meio dos sujeitos, e esta penetração será tanto mais conflituosa quanto mais forte for a salvaguarda.

O conflito se instaura porque, de um lado, a escola afeta o sujeito por meio da racionalização, de outro lado, os meios de comunicação afetam o sujeito por meio da subjetividade. Para a escola, os meios de comunicação preenchem a dimensão subjetiva do indivíduo, enquanto ela busca desenvolver nele a racionalidade. Mas esse conflito não representa apenas o confronto direto entre escola e meios de comunicação, nele está implicado também o conflito entre o sujeito e a cultura. E considerando o paradigma predominante na formação do pensamento, nessa relação também está presente o conflito entre razão e subjetividade.

É difícil conceber uma escola contemporânea que se coloque em relação aos meios de comunicação e seu sistema cultural numa relação de oposição, sem que isto provoque desestabilidade no interior de seu sistema cultural. À fragmentação do sujeito em diferentes espaços de formação e de socialização, em que ele é afetado ou pela razão, ou pelas emoções, ou pela espiritualidade, corresponde também a uma fragmentação do pensamento. Assim, para a escola, o sujeito é situado nos diferentes espaços sociais de forma em que há momentos para o afloramento da subjetividade e há momentos para o exercício da razão, mas são restritos ao tempo e aos espaços para a convivência entre essas duas facetas do sujeito, mesmo que elas existam nele de forma indissociável. Do mesmo modo que a ciência clássica, a escola tenta operar a separação entre a razão e a subjetividade na formação do espírito. Por outro lado, os meios de comunicação não operam tal cisão, operam ao mesmo tempo com o sujeito da razão e o sujeito dos afetos, e envolve essas duas facetas sob o manto do imaginário. Enquanto a escola busca instigar no sujeito sempre a razão e minimizar a presença da subjetividade, os meios de comunicação buscam seduzir a

razão, ao invés de suprimi-la.

Uma obra como o filme *Sociedade dos Poetas Mortos* simboliza esse jogo de sedução. A obra é produto de uma indústria cinematográfica, o propósito de seus realizadores certamente foi oferecer um produto para o entretenimento de milhões de pessoas pelo mundo. O filme conta a história de um professor apaixonado que tenta ensinar a seus alunos a observar o mundo sob novas perspectivas. Ele tenta mostrar que é possível aprender na própria escola, mais do que ela pode ensinar. Como pano de fundo está a relação entre os sujeitos/personagens e a instituição civilizadora, a escola. Esta relação está implícita na própria produção da obra cinematográfica, pois apesar das determinações da indústria do cinema, por traz de tudo isso existe um espírito criador – ou espíritos criadores, na medida em que um filme é sempre uma obra coletiva – que busca afetar outros espíritos. Assim, uma obra pensada para oferecer entretenimento e satisfazer a vida imaginária pode ser também um meio de reflexão para o espírito.

Podemos recorrer aqui a uma passagem do próprio filme para interpretar essa questão. Diz o personagem, professor *John Keating*:

Nós não lemos e escrevemos poesia porque é bonito, nós lemos e escrevemos poesia porque pertencemos à raça humana. E a raça humana está cheia de paixão. Medicina, direito e engenharia são ambições nobres e necessária para manter a vida. Mas poesia, beleza, romance, amor, é para isso que ficamos vivos.

Como dizer a um homem da ciência que sua atividade também envolve paixão? O que é um cientista senão um sujeito apaixonado pelo conhecimento. O que significa a “grande decolagem” da humanidade senão o desejo de criação por parte de um espírito criador. Assim, parafraseando Nestor Garcia Canclini, a paixão também serve para pensar. Uma obra destinada ao entretenimento também pode ajudar a desenvolver o espírito. Segundo Bonnefoy (2010, p. 298) na invenção científica há momentos decisivos em que a dedução cede lugar à intuição e isto pode chamar-se de poética: “A invenção científica, no momento que se produz, é poesia transposta”. Não há assim nenhum antagonismo entre o estudo e a criação, entre a vocação poética e os lugares de ensino, pois segundo o autor a poesia é transgressão, criação e recriação dos sistemas conceituais.

Morin (2010) defende assim que a literatura, a poesia, o cinema e as artes não são coisas que devem ser ensinadas e dissecadas unicamente de maneira formal, exterior, mas que constituem coisas que nos falam profundamente de nós mesmos. As obras literárias e artísticas apresentam referências e estilos de vida que propiciam o conhecimento interior, ajudando o sujeito contemporâneo a lidar com seus problemas e dilemas reais, uma vez que ele nunca esteve tão envolvido no tecido da vida imaginária como na sociedade atual. Em nenhuma outra cultura, o sujeito esteve tão sujeitado pelo imaginário como na sociedade contemporânea. Isto se deve sensivelmente à teia de meios de comunicação com a qual nos envolvemos cotidianamente.

Pensar a escola como espaço de educação e de transmissão cultural que não dialogue com essa cultura midiática e suas formas de subjetivação na contemporaneidade, significa pensar, tanto a escola como os meios de comunicação, de forma esquizofrênica. A imunologia da escola não cessará a penetração dos afetos na cultura escolar, assim como a razão não cessará o afloramento da subjetividade.

Considerações finais

Acreditamos que os meios de comunicação são muito mais que técnica, eles constituem um sistema cultural muito complexo e dinâmico extremamente enraizado na sociedade contemporânea, dentro do qual circulam valores, comportamentos, linguagens

diversas e saberes, dentre eles o próprio saber científico. Diante desta condição, é importante pensar a relação da escola com os meios de comunicação a partir dessas bases.

A cultura midiática penetra a vida social em todos os espaços, portanto a escola não escapa às suas interações. A imunologia da escola não consegue dar conta de todos os elementos da cultura dos meios de comunicação que a atravessam. E também incorporará-las apenas sob o signo da técnica não reduz o problema, apenas o omite e cria novos problemas. Repensar a escola em uma sociedade complexa e dinâmica não é apenas incorporar elementos dessa complexidade segundo sua própria lógica racional de produção e de reprodução, mas repensar a sua lógica de produção e de reprodução diante dos problemas colocados pela complexidade dessa sociedade.

Notas

⁵ Em referência ao texto de Nestor Garcia Canclini, contido na obra, *Consumidores e Cidadãos*, intitulado: "O consumo serve para pensar".

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social, imaginários sociais**. Traduzido do livro *Les imaginaires sociaux*. Paris, 1984.

BONNEFOY, Yves. Observações sobre o ensino da poesia. In: MORIN, Edgar (org.). **A Relação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. O consumo serve para pensar. In: **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução: Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução: Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A imaginação simbólica**. Tradução: Carlos Aboin de Brito. Lisboa/Portugal: Edições 70.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 10a Ed. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 2011.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **A noção de sujeito**. In: Schnitman, Dora Fried (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **A Relação do Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OROZCO GOMEZ, Guillermo. **Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos**. *Comunicação & Educação*. Brasil, v. 3, n. 10, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4368/4078>>. Acesso em 03 mai. 2010.

PESSANHA, José Américo Motta. **Bachelard**: as asas da imaginação. In. BACHELARD, Gastón. O direito de sonhar. São Paulo: Difel. 1985.

FILME

Sociedade dos Poetas Mortos. Direção: Peter Wier. Produção: Paul Junger Witt, Steven Haft, Tony Thomas. Roteiro: Tom Schulman. Estados Unidos, Touchstone Pictures, 1989. 1 DVD (129 min).

Recebido para publicação em: 24/02/2016
Aprovado para publicação em: 20/01/2017